

# Oração no Mundo Secular

Reflexões sobre o livro de Boff — Spindeldreier — Harada \*

P. Dr. Claudio Luiz Bins S. J.

A ninguém são desconhecidos os múltiplos aspectos da crise pela qual passa atualmente a oração individual e comunitária. Por isto mesmo o presente opúsculo presta um auxílio a todos que realmente desejam encontrar reflexões sérias ordenadas para uma autêntica vida de oração no mundo atual. Os autores aceitam o desafio lançado pela situação moderna e, sob prismas diversos, abordam a realidade da oração.

**LEONARDO BOFF**

**"A oração no mundo secular: desafio e chance".**

O autor trata o assunto mais sob o ponto de vista teológico. Tendo apresentado a "gênese da crise de oração hoje" e seus valores, ele passa a apresentar "a oração de Jesus no sacro e no profano", para depois propor "dois modelos de solução" ao mundo atual. Em itens posteriores desenvolve aspectos importantes da oração individual e comunitária, nos quais transparecem sempre mais sua importância e significado.

## **A. Causas da crise.**

As causas da crise de oração nos dias de hoje, apresentadas pelo autor e que são a própria realidade em que vivemos e as "forças positivas contidas nela", poderiam ser reunidas em três grupos: 1.º a "atitude de veracidade e autenticidade" ante a realidade e a vida de oração, assim como ela aparece em nossos exercícios e fórmulas; 2.º as causas relacionadas com o "ritmo" de vida do mundo atual; 3.º as causas baseadas mais na "concepção e experiência" da realidade e de Deus.

Ao analisar o que denomino de crise de "concepção e experiência", o autor deixa transparecer muito bem que a crise de oração não é uma

(\*) BOFF, Leonardo — SPINDELREIER, Ademar — HARADA, Hermógenes: **A oração no mundo secular, desafio e chance.** (Coleção "espiritualidade" — 1), Vozes, Petrópolis, 1971.

crise isolada, mas é um dos pontos nos quais vem à tona toda crise teológica atual. Em sucintas e esclarecedoras colocações o autor situa ao leitor nos valores positivos e nas ambigüidades destas concepções e realidades e sua íntima correlação com o sentido da oração.

Uma das causas não apresentada explicitamente pelo autor, e que entretanto transparece ao longo de seu artigo, principalmente ao tratar do sentido positivo da oração, ao compará-la com a "festa", com o "ritmo" e o "jogo", causa que também é explorada no ensaio de Spindeldreier, é a **absolutização**, no mundo tecnicista-progressista de hoje, **do valor funcional das coisas**. No mundo técnico, de desenvolvimento e progresso, o valor das coisas e das pessoas é medido por sua utilidade e funcionalidade práticas. Perde-se mais e mais o sentido e valor do encontro consigo mesmo, do encontro com os outros, da "festa", do "jogo", no sentido explorado pelo autor. Numa tal escala de valorização, unida à concepção exagerada da "morte de Deus" e da secularização, não há mais lugar para uma autêntica oração: quando se está a sós, individual ou comunitariamente, com Deus sem fazer nada de útil (em óptica tecnicista).

Entre todas as causas apresentadas pelo autor, sem querer minimizar as outras, parece-me que de suma importância é a da secularização e da "morte de Deus". Em sua intelecção extrema elas impossibilitam radicalmente toda e qualquer oração. Em sua compreensão correta elas são prenes de valores altamente cristãos, o que, paradoxalmente, põe em crise a própria oração (ainda mais se tomarmos em conta as outras causas desta crise). E por quê? Porque estes movimentos ou correntes, juntamente com outras reflexões, redescobriram o valor salvífico de toda e qualquer ação humana bem feita. Nos últimos anos foi novamente posto a claro um dado lididamente bíblico (cf. p. ex.: p. 33): no profano, no profundamente humano pode-se realizar "uma relação do homem para com Deus e vice-versa" (p. 25), uma relação salvífica por Cristo, no Espírito Santo, com o Pai. Surge, conseqüentemente a pergunta crucial: por que então ainda rezar, no sentido estrito do termo? Qual o significado desta oração? desta forma de **relacionamento explícito com Deus Trino?**

No mundo secular em que vivemos, como também para sermos fiéis ao Evangelho, é importantíssimo e absolutamente necessário mostrar aos cristãos e fundamentar bíblica e teologicamente, que em toda ação humana bem feita, que no viver "com fidelidade segundo a sua consciência e (no viver) a bondade natural das coisas" (p. 34) há **um encontro salvífico com Deus**, mesmo que não haja um relacionamento explícito a Deus. O autor, na brevidade de seu ensaio, realiza muito bem esta fundamentação ao apresentar a problemática da secularização (pp. 18s), ao descrever a **oração-atitude** no Novo Testamento e insistir na importância que Cristo lhe deu (cf. p. 25), e ao desenvolver a **oração-atitude** "num mundo onde Deus não fala" (cf. pp. 31-34).

Mas uma vez que a crise da oração nos dias de hoje não está nesta oração atitude, mas na oração no sentido restrito, no sentido de

relacionamento explícito a Deus Trino, como o mostra a realidade e a breve análise feita pelo próprio autor na "gênese da crise da oração" (cf. pp. 15—22), é absolutamente necessário indagar, se esta oração ainda tem sentido hoje. É necessário des-cobrir a importância, a necessidade e o sentido do **relacionamento explícito** do homem por Cristo, no Espírito Santo com o Pai.

## B. Alguns reparos.

Antes de ver qual o sentido da oração que o autor des-vela, seja-me permitido acenar a alguns senões, de não pouca importância, no meritório ensaio de Boff.

Num assunto de tanta relevância, como o da oração, e de modo especial devido à crise pela qual ela passa e às desastrosas conseqüências que pode trazer o abandono da oração (cf. p. 16), creio ser importante evitar, na medida do possível, o que possa originar confusão nos leitores.

Parece-me que uma tal confusão pode originar-se em relação aos termos que o autor usa: "oração-atitude" e "oração-exercício".

As expressões, no artigo em questão, ocorrem pela primeira vez na página 19: "**a oração-exercício** é um momento da vida e não toda vida". "Não precisamos da oração-exercício para fazê-los (os nossos afazeres diários) bons e aceitáveis a Deus. Isso nos obrigará a refletir **sobre a oração-atitude e oração-exercício devocional**".

"Oração-exercício" da primeira afirmação exprime, de acordo com o contexto, o que todos entendem normalmente por oração. É este também o sentido de "oração-exercício devocional" quando oposto de alguma forma à "oração-atitude"? É à "oração-exercício" que o autor se refere ao dizer: "as horas de oração e de recolhimento são poucas em relação com aquelas em que vivemos ocupados e 'pré-ocupados' com as coisas" (p. 32), e da qual trata explicitamente ao referir-se à "necessidade da oração-exercício" (p. 35). É à "oração-exercício" que o autor se refere na "festa e a oração" (veja principalmente últimas afirmações da página 42 e primeiras da página 43, comparando-as com as da página 35), na "oração, jogo e humor" (p. 46) e no "lugar e o tempo da oração" (p. 47). Esta "oração-exercício" é "o buscar a Deus, dialogar e unir-se com Ele" (p. 48), encontrar-se com Ele (cf. p. 48) de uma forma explícita (cf. p. 34: "não é por uma **relação explícita a Deus** que as realidades terrenas ganham sua bondade natural"). De muitas outras formas o autor exprime em seu artigo o que entende por oração-exercício, ou aquilo pelo que comumente todos entendem por oração. Se esta interpretação de "oração-exercício" está de acordo com a mente do autor, não entendo a afirmação: "com isso Jesus **libertou a oração dos exercícios devocionais e acentuou a oração-atitude**" (p. 25). Quer Boff referir-se neste contexto às "orações-fórmulas", a determinadas fórmulas de oração (cf. p. ex.: p. 16; p. 20) ou à "oração-exercício"? A expressão que usa: "Jesus libertou a oração dos exercícios devocionais"

é infeliz. Isto pelo fato de através do artigo aparecer a expressão 'oração-exercício' num sentido um tanto diverso do de simples "oração-fórmulas". A primeira idéia que surge ao leitor ao ler que "Jesus libertou..." é que Ele nos libertou da "oração-exercício", o que de acordo com o artigo do autor é falso. Esta confusão não só se origina a partir de uma associação, talvez indevida, de termos, mas também porque o autor no mencionado texto contradistingue "a oração dos exercícios devocionais" da "oração atitude", assim como já distinguira-opusera a "oração exercício devocional" e "oração-atitude" na página 19.

"Oração-atitude", eis outra expressão usada pelo autor sem contornos claros. Só alguns exemplos: "Jesus libertou a oração dos exercícios devocionais e acentuou a **oração como atitude**, como um abrir do coração a Deus. Ora, isso o homem pode realizar em todo tempo e lugar. Em cada momento ele está diante de Deus e não somente em alguns atos. Assim Cristo profanizou, ou melhor, santificou toda existência humana. Tanto no sacro quanto no profano, se dá uma relação do homem para com Deus e vice-versa" (p. 25). Creio que aí temos descrito o que o autor entende por oração-atitude: abertura contínua do coração a Deus, ou o estar continuamente diante de Deus, ou o estar em contínua relação a Deus, e não só em determinados atos ou momentos. Como se vê é a concepção que o autor de alguma forma opõe à oração-exercício, como a descreveu na página 19. Esta mesma oração-atitude o autor a desenvolve e explica ao falar sobre "A oração num mundo onde Deus não fala", com mais precisão sob aa) "O projeto fundamental de vida como oração" (pp. 32-34). Trata-se aí da "oração como atitude de abertura a Deus" (p. 32), fruto de uma opção fundamental da vida, centrada em Deus, não revogada e que continua influenciando e santificando a vida, **mesmo que não se tenha mais consciência da opção e do relacionamento a Deus, mesmo que já não se realize um encontro explícito com Deus**. Que este é o sentido de oração-atitude fica além disto claro pelo fato do autor tratar sob bb) da "Necessidade da oração-exercício" (35). Se este é um dos sentidos fundamentais dados pelo autor à "oração-atitude" não compreendo porque ao introduzir o item 3, "Dois modelos de solução" e descrevendo o que visa a oração, entre muitas outras expressões diz: "Quando alguém ama uma pessoa, pensa continuamente nela, onde quer que vá e esteja, pouco importa o que faz ou empreende, **volta seu pensamento a ela** e está unido a ela. Da mesma forma acontece com Deus. Orar é **vacari Deo** (destacado pelo autor), diziam os antigos, isto é, **reservar um tempo para Deus**, andar com Ele e sentir-se aconchegado nele. ... Como transparece, a oração é concebida mais **como atitude** que como exercício devocional" (p. 26). Aqui **oração-atitude** é "voltar o pensamento a Deus" (não é possível, sem graça muito especial, estar continuamente pensando em Deus), é "reservar um tempo para Deus". Concepção diversa da "oração-atitude", fruto da opção, descrita acima. Não se identifica esta "oração-atitude" com a "oração-exercício" descrita na página 19: "a oração-exercício é um momento da vida e não toda vida"? e ampliada na pá-

gina 35 "a necessidade da oração-exercício"? Por que então opor-distinquir no mencionado texto: a oração-atitude da oração-exercício devocional? Como vemos a expressão "oração-atitude" tem claramente dois significados, um dos quais se confunde com o de "oração-exercício". O que mais uma vez vem mostrar que o termo "oração-exercício" e "oração-exercício devocional" também tem dois significados.

Estas confusões nas expressões podem ter conseqüências funestas, contrárias às intenções do autor, principalmente num leitor prevenido contra a oração, como relacionamento explícito a Deus. Trata-se dum problema de linguagem, não há dúvida; mas usar as mesmas expressões, num mesmo texto e contexto, em sentidos diversos, embora correlatos, gera confusão.

A oração-atitude, no sentido de abertura a Deus (não no sentido de relacionamento explícito a Deus) é importantíssima, como o autor o acentua em diversas passagens de seu artigo, não é outra coisa do que o viver o amor a Deus e ao próximo no dia a dia da vida. E aqui surge mais um problema: **é esta "oração-atitude" um dos modos de rezar no mundo secular?** é-ela uma das soluções "de como deveremos rezar hoje em nossa situação epocal" (p. 25)? É esta oração-atitude que causa dificuldades e está em crise no mundo de hoje? é a necessidade e sentido desta oração que se procura? É o abandono desta oração-atitude, a causa de tantos males (cf. p. 16)? De forma alguma. O problema está na oração-relacionamento-explícito a Deus Trino. Tem esta ainda sentido hoje e amanhã, quando posso encontrar-me e viver em união com Deus Trino (como o testemunham os Evangelhos e a reflexão teológica) sem me relacionar explicitamente a Ele, sem "reservar um tempo para Deus" (por mais instantâneo que o seja), sem de vez em quando "voltar meu pensamento a Ele"? Apresentar como solução a este problema\*grave, mesmo como solução parcial, a "oração-atitude" no sentido de abertura implícita a Deus, não é solução. E por isto mesmo usar o termo de "oração" para exprimir esta atitude básica, implícita, é mais uma fonte de confusão. Sei que aqui se trata pura e simplesmente de um termo e de um gosto particular. Cada um pode usar os termos que lhe aprouver, contanto que os explique. Sabemos, entretanto, que muitos deixaram a oração, no sentido estrito, porque "rezavam" continuamente ao doarem-se ao próximo e engajarem-se no mundo.

### C. O sentido da oração.

Ao apresentar a "necessidade da oração-exercício" num mundo secular, o autor a apresenta como um momento de "reciclagem", como uma "parada para respirar". "É o tempo forte dentro do cotidiano, onde se acumulam forças para poder viver com sentido o dia-a-dia". É a "ocasião de renovação do projeto fundamental: Deus", a ser vivido de instante a instante. "Caso não fizermos isso, em breve vivemos em

ambigüidade, nem mais sabendo **por que** estamos agindo. Entraram outros concorrentes que disputam o lugar de Deus" (p. 35). Nesta perspectiva a oração é apresentada em função do viver instante a instante a abertura a Deus em todas as dimensões da vida (mesmo que depois não se pense em Deus. Não se trata, como diz muito bem o autor, de dar sentido salvífico às ações humanas, pois elas já o possuem se forem bem feitas, cf. pp. 32-34). Este sentido da oração, como o próprio autor o mostra, é importantíssimo na vida cristã. Pergunta ulterior é de saber se ele esgota o sentido da oração.

Através do artigo o autor dá a entender, de diversas formas, que a oração, bem entendida, **tem sentido em si mesma**, por ser um **encontro explícito, comunicação pessoal explícita entre Deus e o homem**. Veja-se por exemplo a introdução ao item 3 "Dois modelôs de solução", onde escreve e explica que a oração visa, "é antes de mais nada uma busca de união a Deus" (p. 26), eu acrescentaria "explícita". Este é também, a meu ver, o cerne das breves, mas boas análises feitas pelo autor nos últimos itens do artigo, ao analisar o significado da "palavra" na oração (pp. 36-39), ao estudar "a festa e a oração" (pp. 41-44), "oração e rito" (pp. 44-45), "oração, jogo e humor" (pp. 46s.) Citemos apenas duas passagens significativas: "a festa suspende o terrível cotidiano e o tempo dos relógios. É uma participação da eternidade: por isso, quando festejamos realmente não notamos o tempo passar. A festa está também livre das finalidades e dos interesses. Na festa todos estão juntos não para aprenderem ou ensinarem uns aos outros, mas para se alegrarem mutuamente, para estar-um-para-o-outro na amizade, na concórdia e no amor. A festa reconcilia todas as coisas e cria, por uns instantes, um mundo paradisíaco ou escatológico" (p. 42). A oração comunitária é uma verdadeira festa (cf. p. 43), basta pois substituir no texto citado "festa" por "oração", e ampliar o termo "todos", "nós" para "e Deus" e teremos muito bem expresso o sentido último de toda e qualquer oração, individual e comunitária: estar com Deus Trino, sem fazer nada de útil, para se alegrar mutuamente com Ele, para estarmos uns-para-os-outros e para-Elle na amizade, na concórdia e no amor; rezar é antecipar, por uns instantes, a eternidade. Ao comparar a oração com o jogo o autor escreve: "o jogo não possui finalidade prática nenhuma, mas em si mesmo (tem) um sentido profundo" (p. 46). Pouco depois: "**Deus não tem finalidade prática. Mas é nosso sentido absoluto e eterno**". Da mesma forma podemos dizer que o sentido primário da oração é o de não ter finalidade prática, é o de não ter eficiência técnica, é de não ser em primeiro lugar meio para outras finalidades (como o de viver melhor o nosso dia-a-dia na doação ao próximo), mas tem sentido em si mesma, porque Deus e o estar com Ele de forma explícita não tem finalidade prática, é o nosso sentido absoluto e eterno. É suficientemente evidente que de fato não podemos e não devemos separar este sentido da oração do sentido analisado pouco acima, e muito menos separar esta oração da vida diária.

#### D. Mais um reparo

Uma vez que a crise da oração não está na "oração-atitude" implícita, mas na oração, como relacionamento explícito a Deus, e uma vez que esta tem um sentido profundo e existencial, é de estranhar que Boff, ao tratar da oração de Cristo, de seu conteúdo, fato e ensinamento, não reflita sobre a importância e o significado do relacionamento explícito de Cristo ao Pai; é de estranhar que não conclua o item ressaltando a importância e sentido da oração-relacionamento-explícito a Deus. A conclusão acentua a importância da oração-atitude e a libertação da oração-dos-exercícios-devocionais, causando a confusão à qual já me referi.

#### ADEMAR SPINELDREIER.

##### "Aspectos psicológicos da oração e meditação".

O autor focaliza a oração-meditação sobre o aspecto psicológico. Nesta perspectiva entende-a como: "o homem entrar em si mesmo, no seu íntimo, olhando para dentro de si, para o centro recôndito de seu ser e de sua personalidade" (p. 56).

A partir de dados fundamentos humanos, o autor mostra a importância desta oração-meditação tanto para os indivíduos como para a sociedade. Esta importância se assentua no mundo agitado e extrovertido de hoje. A oração, no sentido exposto, é de suma importância para o equilíbrio psíquico do homem (cf. p. 55), para sua autorealização (cf. p. 72) e desenvolvimento integral (cf. p. 60). Sem ela "a vida humana se vai esvaziando e perdendo seu sentido profundo e transcendental", o homem experimenta profunda e irreparável frustração (p. 54). Só ela permitirá ao homem tornar-se e ser ele mesmo, tornar-se e ser autêntico (autêntico no sentido de concordância entre o inconsciente e o consciente) (cf. pp. 72 s.).

Donde advém à oração-meditação este irrecusável e insubstituível valor? O autor nos indica diversos motivos psicológicos, que simultaneamente como que nos descrevem o que entende por oração. A oração leva o homem agitado e extrovertido à calma e ao recolhimento (cf. pp. 57 s.). Ela faz o indivíduo penetrar nas profundezas do próprio ser (cf. p. 60), levando-o a "ouvir atentamente as moções interiores" (p. 68), "as riquezas ocultas do inconsciente" (p. 68), individual e coletivo (cf. pp. 63 s) e a auscultar a "voz da natureza humana", do "bom senso", sufocadas pela agitação (cf. p. 68). É esta oração, este penetrar em si mesmo, que permite ao homem descobrir o que ele é no seu ser mais profundo (cf. p. 63) e o leva a liberar as suas próprias forças psíquicas internas (cf. pp. 57 s), as energias autocreativas (cf. p. 60), autoterapêuticas (cf. p. 68), do seu psiquismo (cf p. 60). Numa palavra o valor

da oração lhe advém do fato de possibilitar ao homem o encontro consigo mesmo (cf. p. 64) e permitir desta forma o tornar-se ele mesmo, ao lhe abrir a possibilidade de pôr em harmonia o seu consciente com o seu inconsciente (cf. pp. 72 s). Eis algumas das riquezas da oração-meditação, no sentido psicológico, exploradas pelo autor. A voz do "bom senso", auscultadas nas profundezas do próprio ser, dirão a qualquer homem sensato que estas considerações são tremendamente verdadeiras, expressões da própria realidade.

O autor, entretanto, não pára nestas considerações. Uma das experiências básicas do homem é a experiência de Deus (cf. pp. 68 ss), e uma das forças latentes mais poderosas no psiquismo humano são as imagens-arquétipos de Deus (cf. pp. 74 ss). Nesta perspectiva a oração-meditação já não é mais um simples encontro consigo, mas um abrir-se, auscultar e encontrar-se com o próprio Deus. Para que este encontro seja salutar deve-se procurar corrigir as imagens falsas que podemos ter de Deus e evitar outros escolhos de uma autêntica oração-meditação (cf. pp. 74 ss, cf. tb. p. 56).

De todos estes dados deduz-se o valor da oração-meditativa, isto é, do encontro sadio consigo mesmo, com Deus, com outras experiências vivenciais e com o próprio bom senso (cf. p. 73). O psicólogo não entra em considerações teológicas sobre a oração, ele permanece no seu campo.

Não há dúvida que para entregar-se a uma tal oração-meditação o homem de hoje, entregue ao ativismo, dominado pela agitação e voltado à periferia das coisas (cf. pp. 55.57), isto é, quase que incapacitado de penetrar nas profundezas do seu próprio ser, encontrará muitas dificuldades. Ser-lhe-á necessário muito esforço, exercício e constância para superar as dificuldades e entregar-se à oração (cf. pp. 56.58). Já a partir deste fato pode-se concluir como erram aqueles que julgam poder-se entregar à oração só quando surgir a "vontade" e o "kairós". A experiência mostra que esta "vontade" e este "kairós" aos poucos não surgem mais...

Se a própria psicologia já dá tanto valor à oração-meditação, no sentido psicológico, e na qual um dos aspectos é o do encontro com Deus na profundidade do próprio indivíduo, como se enganam os cristãos, os religiosos e os sacerdotes, que, de uma ou outra forma, negam todo valor à oração no sentido restrito de encontro explícito com Cristo, com o Deus vivo da revelação. A revelação nos diz que Deus Trino realmente nos interpela no mais íntimo de nosso ser. Sempre que Deus nos interpela mediante toda e qualquer realidade criada e mediante as escrituras, simultaneamente Ele nos interpela na profundidade de nosso ser. É preciso pois auscultar este apelo de Deus, não só com o estudo das realidades criadas, mas com o que o psicólogo denominou de auscultar a profundidade de nosso ser, e auscultar aí, de um modo especial, o apelo que Deus nos faz numa imediatidade que não se verifica nos outros apelos. Mediante a revelação sabemos que Deus

Trino espera de nós, na intimidade do recolhimento e na comunidade dos cristãos, a nossa resposta explícita, o nosso sim ao seu apelo: o ato de fé, para depois vivê-lo na luta diária.

O psicólogo acentuou a importância da oração-meditação para o equilíbrio psíquico, o desenvolvimento e autorealização do homem. O teólogo, que a partir da revelação nos diz que a plenitude do homem é o encontro individual e comunitário por Cristo, no Espírito Santo com o Pai (integrando nesta plenitude as outras dimensões do homem, sem identificá-las com o seu cerne), só pode assumir a afirmação do psicólogo e reafirmar a capital importância da oração teológica (na qual integra a oração-meditação psicológica) para o desenvolvimento pleno e integral do homem: o humano-divino. Se a oração-meditação, no campo psicológico, nos parece ser mais meio para ser alcançada a autorealização do homem, no campo teológico, a oração, sem deixar de ser meio, tem também sentido em si mesma. A oração, no sentido teológico, por ser um encontro cômico, explícito do homem redimido com o Deus vivo, por ser Deus quem ele é, e por ser este encontro, individual e comunitário, na eternidade a plenitude e sentido da existência, já tem agora sentido em si mesma.

Se houve e há algo, e mesmo muito, a corrigir na maneira de rezar e nas próprias orações, que se procure, na medida do possível, de corrigi-lo. Mas não se elimine da vida dos cristãos o que lhe concede caráter de plenitude: o encontro cômico e explícito com o Deus vivo. Não se elimine da vida dos cristãos, o que já a partir da própria psicologia é de capital importância para o desenvolvimento pleno e harmônico do homem.

Se alguém não reza por não encontrar motivação bíblico-teológica, talvez as considerações sensatas do autor deste artigo, a partir de uma psicologia sadia, o levem ou reconduzam a uma das realidades mais valiosas da vida humana: a oração-meditação.

## **HERMÓGENES HARADA**

### **"Reflexões de quem não sabe o que é rezar"**

O autor procura mostrar que o que interessa não é o saber definir a oração, mas é o rezar, o deixar-se conduzir pela própria oração. A grande dificuldade para rezar e para "descrever" a oração provém do fato de ela implicar o relacionamento com Deus, o sempre maior, em cujo horizonte sempre estamos e do qual jamais podemos dispor. O autor joga com muitas imagens e reflexões um tanto inclaras. Cede demasiadamente à "teologia negativa".

Os três ensaios mostram com clarividência como se enganam aqueles cristãos que julgam superada a oração, no sentido estrito, e pensam

que a vida cristã se reduz ao ativismo, mesmo que seja altamente caritativo.

Os artigos de Boff e Spindeldreier já foram em parte publicados anteriormente na revista "Grande Sinal". Teríamos apreciado que no livro se fizesse uma pequena referência sobre essa publicação.